

---

**GATO ESCONDIDO:  
MAIA FERREIRA E UM HEROÍSMO CALCADO EM ZURARA**

A cat out of the bag:  
Maia Ferreira and a kind of heroism underpinned in Zurara

Francisco Topa<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo aborda o poema “A minha terra” de José da Silva Maia Ferreira (1827-1867), considerado o primeiro poeta angolano, discutindo um aspeto até hoje escondido, voluntária ou involuntariamente: o seu modelo de heroísmo, calcado na *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné*, de Zurara, publicada pela primeira vez em 1841.

**PALAVRAS-CHAVE:** Maia Ferreira; Angola; Heroísmo; Zurara.

**ABSTRACT:** This paper studies the poem “A minha terra” by José da Silva Maia Ferreira (1827-1867), the first Angolan poet, discussing an aspect hidden until today, voluntarily or involuntarily: the model of heroism, based on *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné*, by Zurara, first published in 1841.

**KEYWORDS:** Maia Ferreira; Angola; heroism; Zurara.

José da Silva Maia Ferreira (\*Luanda, 1827 †Rio de Janeiro, 1867) é considerado o primeiro poeta angolano<sup>2</sup>, particularidade cronológica que tem justificado uma série de estudos históricos e literários, surgidos depois de 1980, ano em que Gerald Moser reeditou *Espontaneidades da minha alma*. O mais entusiástico e profícuo dos investigadores que têm trabalhado sobre o tema é o angolano Carlos Pacheco, que em obra de 1996 se queixou de que o poema “A minha terra”, o segundo do livro publicado em 1849, fosse “o único que praticamente se estudou com alguma atenção” (p. 22). Do meu ponto de vista, a demora da crítica nesse texto justifica-se pela sua natureza

---

1 Docente da Universidade do Porto, professor Visitante Estrangeiro junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP/Assis com apoio da CAPES.

2 Na verdade, trata-se do primeiro poeta nascido em Angola com obra publicada em livro. De acordo com recente trabalho meu, a primazia da prática poética em Angola pertence a Luís Félix da Cruz. Cf. Topa, 2014.

programática, particularidade que o destaca de um conjunto esteticamente pouco interessante. Contudo, os trabalhos até agora realizados ainda não esclareceram aspetos essenciais da composição. É justamente a um deles que este artigo procura dar resposta.

O poema “A minha terra.” (pp. 12-19 da edição *princeps*<sup>3</sup>) tem um cariz metapoético que me parece não ter sido ainda observado com clareza. Com efeito, uma das linhas essenciais do texto é a justificação (autojustificação) da ausência ou debilidade da poesia em Angola: simplificando, podemos observar que, num primeiro momento, o enunciador explica a impossibilidade (ou a dificuldade) da poesia lírica com o facto de a paisagem da sua terra não ter certos elementos ou certas características (fontes, salgueirais, flores, clima, rios) existentes em Portugal e habitualmente associados à lírica clássica; numa segunda fase, o sujeito dá conta da impraticabilidade da poesia épica, não pela falta de matéria, mas devido à falta de vocação: a sua terra “Não tem Vates por Deos inspirados” (v. 57), “(...) porqu’a sorte negou-lhe / Do Poeta a divina missão” (vv. 61-2), missão essa que consistiria em *descantar* “a patria” (v. 63) “Com vangloria, com mago condão” (v. 64). Perante este diagnóstico, o enunciador limita-se a enumerar, numa formulação condicional marcada pela impossibilidade, os elementos que poderiam servir de matéria a um poema épico. São justamente esses elementos que me interessa aqui considerar.

Numa leitura de conjunto, percebe-se que os heróis enumerados saem do âmbito da *minha terra* entendida como Angola para se situarem no domínio da África tal como foi conquistada e explorada pelos portugueses no decurso do século XV. Como veremos, é discutível o estatuto de heróis atribuído às figuras em causa, de resto tão desconhecidas que não foram até hoje identificadas nem discutidas pelos estudiosos de Maia Ferreira. Apesar disso, a ideia subjacente é interessante: a África (esta África que os portugueses começam a dominar) merece uma epopeia, faltando-lhe apenas um Camões capaz de a escrever.

Outra observação global que é possível fazer tem a ver com a ordem de apresentação das figuras heroicas, que obedece a um nexo cronológico e simultaneamente geográfico, orientado de norte para sul.

Começa-se assim por “Quem primeiro nos plainos torrados / D’infiéis alcançou justa palma” (vv. 67-8): um “(...) filho — Soldado — / D’Albarrota do grão vencedor” (vv. 69-70), referência pouco clara que, como já observou Gerald Moser (1980, pp. X\*-XI\*), parece aludir a um dos filhos de

---

3 A reeditar em breve, com organização minha, em forma de fac-símile.

D. João I; “um Conde Barcellos” (v. 73) e “Um Fernando Senhor de Bragança, / Que aos Mouros filharam Cidades” (vv.74-5). Não é fácil a identificação destas duas últimas personalidades, mas a questão tona-se mais simples se considerarmos o conjunto e percebermos que a fonte informativa — e ideológica — de Maia Ferreira é Gomes Eanes de Zurara, cuja *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné* tinha sido publicada em Paris em 1841, oito anos antes da elaboração do poema. Mais do que sublinhar a estranheza pelo facto de esta observação ainda não ter sido feita, importa para já notar o carácter informado e atualizado do jovem Maia Ferreira.

Segundo se supõe, essa obra de Zurara foi inicialmente constituída por duas partes: um panegírico intitulado *Livro dos feitos do Infante D. Henrique* e uma *Crónica dos feitos da Guiné*. O conjunto terá sido depois refundido pelo cronista, em data posterior a 1460. Dominada pelo ideal de Cruzada, a crónica enaltece a figura do Infante D. Henrique e narra com minúcia os vários episódios da exploração e conquista da costa africana.

O Conde Barcelos e o Fernando Senhor de Bragança referidos por Maia Ferreira são citados no capítulo V da *Crónica*, que fala da sua participação na conquista de Ceuta:

Na qual conquista este principe foe capitam de muy grande e muy poderosa frota, e como vallente cavalleiro trabalhou por sua pessoa no dya que foi filhada aos Mouros, sob cuja capitania era o conde de Barcellos filho bastardo delRey, e dom Fernando senhor de Bragança, seu sobrinho (...) (Zurara, 1841, pp. 25-26).

Com estas informações, é possível identificar o primeiro como D. Afonso (\*c.1371 †1461), 2.º Conde de Neiva, 8.º Conde de Barcelos e 1.º Duque de Bragança. Quanto à segunda figura, trata-se de D. Fernando de Portugal, senhor de Bragança, nascido em 1385, filho natural de D. João de Portugal, que por sua vez era filho do rei D. Pedro I e de D. Inês de Castro. Ambas as figuras são também citadas em diversas passagens da *Crónica da tomada de Ceuta*, do mesmo Zurara.

Depois dessas figuras, o enunciador do poema de Maia Ferreira refere-se de forma genérica a conquistas no norte de África e no sul de Espanha, contra os Mouros, mencionando mais à frente “(...) um Affonso Gutteres, / Um Gonçalves, um Nuno Tristão / Que primeiro levaram à pátria / Os captivos do ardente torrão.” (vv. 81-84).

Comecemos pelo segundo nome, correspondente a Antão Gonçalves, que é referido por Zurara em vários capítulos da sua obra, designadamente o XII ( “Como Antam Gonçalves trouxe os primeiros cativos”, pp. 70-76). Apresentado como “homem assaz de nova idade” (p. 76), dele se diz que foi, em 1441, por ordem do Infante D. Henrique, como capitão de um navio pequeno com o objetivo de trazer “coirama e azeite, daquelles lobos marinhos” (p. 76). É dele a resolução de fazer alguns prisioneiros para levar ao Infante, o que lhe vale o elogio do cronista:

Porque o philosoplo disse, que o começo eram as duas partes da cousa, grande louvor outorgaremos a este honrado mancebo, por sua obra cometida com tal atrevimento, ca pois foi o primeiro que fez presa em esta conquista, vantagem merece sobre todollos outros que ao despois em ella trabalharom (...) (p. 77).

Vemos assim que Maia Ferreira apresenta como herói de uma desejada epopeia africana o iniciador da moderna escravatura, fenómeno que Gomes Eanes de Zurara tem, aliás, o cuidado de contextualizar. Referindo-se, no capítulo XVI, à proposta que um cativo apresentou a Antão Gonçalves no sentido de o trocar por “cinco ou seis Mouros negros” (p. 93), escreve o cronista:

E aquy avees de notar que estes negros postoque sejam Mouros como os outros, som porem servos daquelles, por antigo costume, o qual creio que seja por causa da maldiçom, que despois do deluvyo lançou Noe sobre seu filho Caym, pella qual o maldisse, que a sua geraçom fosse sogeita a todallas outras geeraçõens do mundo, da qual estes descendem (...) (p. 93).

A segunda figura, Afonso Guterres, é referida no já citado capítulo XII da Crónica de Zurara, sendo apresentada como um moço da Câmara que acompanhou Antão Gonçalves na viagem de 1441, ajudando o capitão a obter prisioneiros para levar ao Infante. Segundo o cronista, é ele quem fere com um dardo o primeiro mouro, permitindo a sua captura: “Affonso Goterrez o feryo de huñ dardo, de cuja ferida o mouro recebeo temor, e lançou suas armas como cousa vencida (...)” (p. 74).

De Nuno Tristão diz Zurara que era “huñ cavalleiro mancebo, assaz valente e ardido, que fora criado de moço pequeno na camara do Iffante”

(p. 78). O cronista narra depois como ele mata e captura alguns mouros (p. 82), chega até ao cabo Branco (p. 86) e entrega ao Infante o produto da sua viagem (p. 88). Este navegador e mercador de escravos é tido como o primeiro europeu a ter atingido o atual território da Guiné-Bissau.

O *herói* seguinte citado no poema de Maia Ferreira é “(...) Gonçalo de Sintra, que ousado / N’um esteiro nadando morreu / Penetrando Guiné conquistado.” (vv. 86-88). Também conhecido por Gonçalo Afonso de Sintra, é apresentado por Zurara como “huũ scudeiro, criado de moço pequeno em casa do Iffante: creio que fora seu moço de estrebeyra” (p. 140). Tendo acompanhado Nuno Tristão na viagem de descoberta ao cabo Branco, em 1441, foi enviado, dois anos depois, à Guiné por D. Henrique. Explorou a angra a que ficou ligado o seu nome, perto do Rio do Ouro e viria a ser morto, com outros companheiros, na ilha de Naar: “nom por certo come homem a quem esquecia sua vertude, mas fazendo grande dano nos imiigos, ataa que o a força nom pode mais ajudar, que foe necessaryo fazer sua fim” (p. 145).

Terminada esta enumeração, o enunciador reitera a falta de um poeta à altura: “Decantár’os! — Mas que, minha terra / Não tem vate por Deus inspirado;” (vv. 89-90). Por aqui vemos que é bem limitada a visão de África de Maia Ferreira, ficando claro o seu desconhecimento da história de Angola, que não chega sequer a considerar como matéria possível para um poema épico. Negada a possibilidade de poesia lírica e de poesia épica de inspiração local, resta ao sujeito proclamar o sentimento afetivo por uma terra que lhe deu o berço (v. 129) e onde passou os seus “dias d’infancia” (v. 131), recentrando-a e recentrando-se no quadro mais vasto do império português: por um lado afirma que “Tambem é bem portugueza / A minha terra natal.” (vv. 154-5); por outro, declara que “Com gloria trago no peito / Esse nome outr’ora forte, / Que não sei o que foi feito / Do seu presagio de sorte.” (vv. 156-9).

Aqui chegados resta voltar ao título, perguntando por que ficou até agora por tratar este aspeto do poema mais comentado do autor de *Espondanidades da minha alma*. Se se tratou de desconhecimento, o caso é grave, tanto mais que entre os mais profícuos estudiosos do poeta se conta pelo menos um historiador. Se se trata de ‘esconder’ um aspeto suscetível de ser considerado como limitador da imagem que se quer promover, o caso é ainda mais grave. Não é de resto este conceito de heroísmo que põe em causa o lugar de Maia Ferreira na história da literatura angolana: formado no Brasil como cidadão português, ele pensa de acordo com o padrão dominante da época. Apesar disso, e até prova e contrário, cabe-lhe o título de primeiro natural de Angola a publicar um livro de versos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, José da Silva Maia. *Espontaneidades da minha alma. Às senhoras africanas*. Luanda: Imprensa do Governo, 1849.

FERREIRA, José da Silva Maia. *Espontaneidades da minha alma: às senhoras africanas*. 2.<sup>a</sup> edição. Texto actualizado da edição de Luanda, 1849, editado com uma introdução por Gerald Moser. Lisboa: Edições 70, 1980.

PACHECO, Carlos. *O nativismo na poesia de José da Silva Maia Ferreira: ensaio*. Évora: Pendor, 1996.

SERRÃO, Joel, (dir.). *Dicionário de História de Portugal*. 6 vols. Porto: Livraria Figueirinhas, 1985.

TOPA, Francisco — Entre a “terra de gente oprimida” e a “terra de gente tostada”: Luís Félix da Cruz e o primeiro poema “angolano”. *Literatura em Debate*, Frederico Westphalen (RS): Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. v. 7, n. 13, p. 122-47. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/literatura-emdebate/article/view/1052>>. 2013.

ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (org.) *Nobreza de Portugal: bibliografia, biografia, cronologia, filatelia, genealogia, heráldica, história, nobiliarquia, numismática*. 3 v. Lisboa: Editora Enciclopédia, 1960.

ZURARA, Gomes Eanes. *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné, escrita por mandado de el Rei D. Affonso V, sob a direcção scientifica, e segundo as instrucções do illustre Infante D. Henrique / pelo chronista Gomes Eannes de Azurara; fielmente trasladada do manuscrito original contemporaneo, que se conserva na Bibliotheca Real de Pariz, e dada pela primeira vez à luz per diligencia do Visconde da Carreira (...); precedida de uma introduccão, e illustrada com algumas notas, pelo Visconde de Santarem (...) e seguida d'um glossario das palavras e phrases antiquadas e obsoletas*. Paris: J. P. Aillaud, 1841.

Data de recebimento: 15 mar. 2014

Data de aprovação: 30 maio 2014